

Em Honra ao Senhor: a devoção à hóstia consagrada pelos irmãos do Santíssimo Sacramento em Minas Colonial.

Célia A. R. Maia Borges*

Introdução

Fundamental para a Igreja Católica é o culto eucarístico que constitui um dos pilares centrais do catolicismo, o qual rememora o sacrifício da cruz e a ressurreição do Senhor na salvação dos homens (Código de Direito Canônico, Cân.897). Segundo a Igreja, através do sacramento da Eucaristia, é o próprio corpo de Cristo Senhor que é ofertado e com ele se materializa a unidade do povo de Deus. Os demais sacramentos aparecem vinculados ao da Eucaristia, bem como todas as obras de apostolado da Igreja (Código Direito Canônico. Cân. 897).

As espécies consagradas sempre ocuparam um lugar de destaque nas celebrações litúrgicas ao longo da história da Igreja. Antes do Édito de Milão, em 313, que conferiu liberdade de culto, os cristãos guardavam as hóstias em casa e, ao transportarem-nas, tinham o cuidado de as guardar “em lenços, ou em recipientes de marfim ou madeira, muitas vezes pendentes no pescoço” (COSTA, 1997: 35). Findas as perseguições, as espécies consagradas passaram a ser conservadas nos templos, primeiramente numa dependência da igreja, mais tarde, por decreto do Sínodo de Ravena, foram para os altares (VASCONCÉLLOZ, 1898: 70).

Como local de conservação das hóstias consagradas, o sacrário foi objeto de atenção ao longo dos séculos; o seu fabrico fez-se com materiais nobres: ouro, prata, bronze, marfim, muitas vezes revestidos com pedras preciosas (LEVAVASSEUR, 1935: 54). Após o Concílio de Trento, o sacrário recebeu lugar de destaque nas igrejas, logo atrás do altar-mor, abrigado por retábulos bem trabalhados, ganhando grande visibilidade com o emprego de uma construção piramidal¹, chamada trono, onde acima de várias filas de castiçais se encontrava o Santíssimo Sacramento (SMITH,1962: 71).

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. O trabalho ora apresentado é resultado da pesquisa realizada para o projeto *Devoção e Sociabilidade: Os irmãos do Santíssimo Sacramento em MG*, financiado pela **FAPEMIG**.

¹ Segundo Fausto Sanches Martins esta construção piramidal constituía-se em uma forma genuinamente portuguesa (MARTINS, 1991:17-58).

É interessante notar que, paralelamente à valorização espacial que deu destaque à exposição do símbolo maior da Igreja Católica, os cálices passaram a ser cada vez mais ornados; o mesmo sucedeu com as custódias – peças criadas para exibir as hóstias consagradas –, feitas de material nobre e resplandecente que atraíam os olhares dos fiéis para o Santíssimo Sacramento (MARQUES, 2000b: 482). Outros objetos se sofisticaram para dar apoio à exposição solene da espécie consagrada, como pixides, turíbulo e navetas, em ouro e prata, quando não cravejados com pedras preciosas. Desde logo se multiplicaram as práticas de adoração eucarística em várias igrejas e as Irmandades do Santíssimo Sacramento firmaram-se desse modo como as gestoras dos bens relativos ao culto.

As Irmandades do Santíssimo Sacramento: o apoio à Igreja

Com a cisão no seio da Cristandade por motivo da reforma protestante e dos debates em torno da transubstanciação, a Igreja passou a investir ainda mais na difusão do culto à Eucaristia. O sacramento eucarístico foi tema da 13ª, 21ª e 23ª sessões do Concílio de Trento². Já no período medieval o tema fora objeto de debate no IV Concílio de Latrão, em 1215, tendo por baliza os cânones 17, 19 a 21.

A ênfase e a mobilização ao culto da hóstia consagrada teve nos religiosos das Ordens e Congregações um papel de relevo. Os grandes protagonistas de toda esta ação foram os jesuítas, carmelitas descalços, acompanhados pelos oratorianos, capuchinhos, franciscanos, teatinos, dominicanos e beneditinos reformados (MARQUES, 2000c: 564). Por parte da Igreja fez-se sentir um enorme esforço, através de várias dioceses, no sentido de implementar a devoção eucarística. As Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga são disso um exemplo ao exortarem os sacerdotes a incentivar a formação de associações de devoção ao Santíssimo Sacramento nas suas igrejas³.

As irmandades do Santíssimo Sacramento resultaram desse esforço e foram elas que assumiram a responsabilidade pela sustentação do culto. Dando continuidade ao

² Em 11 de Outubro de 1551, na 13ª sessão, foi promulgado o *Decretum de Sanctissimo Eucharistiae Sacramento*, composto de proêmio, oito capítulos e onze cânones, relacionados ao tema da transubstanciação, da excelência do Sacramento Eucarístico e do culto. Em 16 de Julho de 1562, na 21.ª sessão, promulgou-se a *Doctrina de communione sub utraque specie, et parvulorum* contendo o proêmio, quatro capítulos e quatro cânones; e foi ainda objeto em 17 de Setembro de 1562, na 22.ª sessão, tratada nos nove capítulos e nove cânones de a *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*. » Cf. MARTINS, 1991, pp. 17-58)

³ Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga, Lisboa, Officina de Miguel Deslandes, 1697, pp. 307-308.

movimento iniciado na Santa Maria sopra Minerva, em Roma, pelo dominicano P^e. Tommaso Stella, em 1537, que criou uma arquiconfraria destinada a cuidar das espécies consagradas, essas confrarias com o tempo transformaram-se, de fato, na grande promotora do culto ao Santo Sacramento. Englobavam diversas ações que iam desde o tratamento das alfaías sagradas, ao fornecimento de azeite e cera para o altar e ao acompanhamento solene do Viático, bem como à própria adoração eucarística (MARTINS, 1991: 23).

Em Portugal o cardeal D. Henrique, em 1540, ao tempo arcebispo de Braga, obteve autorização do papa Paulo III para criar uma confraria na Sé primacial nos mesmos moldes da associação romana, aprovada pelo pontífice em 1539, na igreja Santa Maria Sopra Minerva, com os mesmos direitos e privilégios (MARQUES, 2000b: 568). A associação edificada na diocese de Lamego, em 1548, tinha por base o modelo romano. Outras surgiram no espaço lusitano com os mesmos objetivos.

Esse mesmo movimento ocorreu nas demais partes da Europa Católica. No decurso do século XVII e início do XVIII em França, como chamou a atenção François Lebrun, as confrarias do Santíssimo Sacramento multiplicaram-se em todas as dioceses (LEBRUN, 1990: 90). O culto propagou-se de igual modo à América Hispânica. Animadas pelo propósito de promover o culto eucarístico, as confrarias acabaram por ter uma função decisiva enquanto braço direito da Igreja. Na cidade do México, os conquistadores e moradores da Nova Espanha edificaram em 1538 a *Arquiconfraria del Santissimo Sacramento Y Caridad* (BAZARTE MARTINEZ, 1989: 145).

O movimento de propagação das associações acompanhava assim a expansão dos cultos ao Santíssimo. Surgem na Itália as práticas de adoração eucarística das Quarentas Horas e o Lausperene, realizadas em várias situações, principalmente em casos de guerras ou de calamidades, quando as populações eram chamadas à adorar o Santíssimo Sacramento⁴.

Em 1534 quando Milão se encontrava dilacerada pela guerra entre Francisco I e Carlos V, o P^e. José de Fermo, acompanhado de seus fiéis, promoveu a adoração

⁴ A devoção das Quarenta Horas e o Lausperene guardam uma semelhança: as duas práticas têm por base a adoração ao Santíssimo Sacramento. A primeira remonta ao ano de 1527, na Igreja do Santo Sepulcro de Milão, o qual assentava na prática de adorar o Senhor exposto durante as quarenta horas, período que corresponderia ao tempo que Cristo teria permanecido no sepulcro (MARQUES, 2000, p. 565). Quanto ao Lausperene, os primeiros registros datam do ano de 1537 e tem como característica principal não poder ser interrompida nem de dia, nem de noite, e com a condição de realizar-se em uma única igreja da cidade, com duração de 48 horas (GENRO, 1958: 10-11),

durante 40 horas junto ao altar, segundo o registro do cônego Cordonnier (GENRO, 1958: 9-10). Da mesma forma em Portugal, no período da Restauração de 1640, atos de devoção à hóstia consagrada multiplicaram-se em apoio ao trono português. Não foram poucas as ilustrações dos frontispícios dos sermões com representações do Sacramento exposto, o que demonstra a relevância conferida à manifestação da piedade eucarística naquele período (Marques, 2000c: 567).

Ainda em Portugal, após o terremoto de Lisboa em 1755, foram celebradas em várias partes do território e nas suas colônias atos de adoração ao Santíssimo e festejaram-se inúmeras procissões. Os bispos recomendavam a exposição do Santíssimo e a adoração da hóstia consagrada e para isso conferiam indulgências aos fiéis que a praticassem.

Em outras situações propiciava-se a exposição do Santíssimo, como o período carnavalesco ou, após este, nos três dias seguidos ao das cinzas. Em 1610, em Évora, os padres deixaram registrados no livro de visitas orientações aos irmãos do Santíssimo daquela cidade portuguesa:

Todos os annos nos tres dias immediatos ao de cinza de desencerrara o Santissimo Sacramento por esta ordem, a igreja se armara toda, sem o forro. O Domingo da Quinquagesima acabada a Comunham dos Irmãos se collocara o Santissimo Sacramento em seu lugar, que estara bem ornado, e acompanhado de muitos lumes ao collocar se repicarão os sinos.... (Biblioteca Nacional/ Lisboa, códice 4458, f. 114 v.)

O papa Paulo III, por sua vez, definiu claramente os principais objetivos desta oração: o de “aplar a ira de Deus provocada pelas ofensas dos cristãos, especialmente nos dias de carnaval; e de opor aos esforços e maquinações dos turcos na destruição do Cristianismo” (GENRO, 1958:11). A oração das Quarenta Horas logo se disseminou pela Espanha, Portugal, França e Alemanha. Na Espanha de 1606 durante o período carnavalesco, o Santíssimo Sacramento foi exposto nas igrejas carmelitas por três dias a fim de ser adorado pelos fiéis, tendo os carmelitas obtido do Papa Paulo V a concessão de um Jubileu para quantos tivessem confessado e comungado (GENRO, 1958: 13).

O movimento intenso de valorização do culto eucarístico em alguns momentos provocou uma quase histeria nas comunidades quando ocorriam violações do sacrário acompanhadas do furto do Cibório com as respectivas hóstias (Marques, 2000b: 566). São vários os relatos a respeito desses furtos e das punições exemplares que se

aplicavam aos acusados, como o ocorreu na igreja Paroquial de Odivelas, em 1671, onde se fizeram várias procissões e se comemorou em Lisboa um *oitavário* com o Santo Sacramento exposto, segundo o relato do P^o. Luiz Mattozo, ele próprio um testemunha de grande importância que faz eco do imaginário coletivo em relação às espécies consagradas (MATTOZO, 1745).

Também na igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, em 1630, roubou-se um cofre de tartaruga, guarnecido de prata, com as hóstias; a Coroa prontamente mandou afixar editais por toda a cidade a ordenar a pena de morte para quem saísse de casa, procurando deste modo apurar o delito (MONTEIRO, 1750: .4-5). Ou ainda em Cachoeira do Campo, na Bahia, o roubo ao sacrário em fevereiro de 1730 mobilizou os fiéis e religiosos, conforme o sermão realizado naquela vila pelo Reverendo Padre Fr. José de Santa Anna (ARISPH, 1731: 3). Junto ao grande movimento de devoção eucarística, ressurgiu o culto medieval de «visão da hóstia», onde não faltaram prodígios e aparições (MARQUES, 2000: 568).

Outras situações espelham o valor do culto eucarístico na Colônia: constavam nos estatutos das várias irmandades do Santíssimo Sacramento o dever de cuidar do sacrário e de expor a Hóstia Consagrada à adoração. Foi em função dessa prerrogativa que os irmãos do Santíssimo Sacramento de São João del-Rei se indispuseram com os confrades da Ordem Terceira do Carmo, em 1769, os quais no dia da festividade, em honra da sua padroeira, expuseram à adoração dos fiéis o Santíssimo Sacramento durante a novena (EVANGELISTA, 2010: 21). A fim de constranger os sodalícios terceiros do Carmo, os confrades do Santíssimo Sacramento plantaram-se dentro e fora da igreja do Carmo, trajados com suas opas. É certo que esta mobilização resultou em nada, pois o Senhor Sacramentado continuou ali exposto até ao final da festa (Idem: 21).

Não há dúvida que a briga pela administração do culto eucarístico tinha um significado muito especial para os irmãos do Santíssimo Sacramento, já que eles eram os administradores do símbolo máximo da Igreja Católica. Esses sodalícios empenharam-se em construir seus templos e em equipá-los com os objetos necessários ao culto em várias localidades do Brasil-Colônia, mesmo antes da chegada do Estado e da Igreja. As irmandades do Santíssimo de Sabará, São João del-Rei, São José del-Rei (Tiradentes), Vila Rica (Ouro Preto) e Mariana surgiram todas elas antes de se tornarem

vilas. O empenho dos irmãos na edificação e sustentação dos cultos salta aos olhos quando se consulta a documentação de tais confrarias⁵.

No entanto, a devoção ao Santíssimo não se restringia ao espaço interno do templo. A grande homenagem ao corpo do Senhor traduzia-se na procissão do *Corpus Christi* que reproduzia na Colônia a atenção recebida na Metrópole; tratava-se certamente do grande momento de manifestação no espaço público em honra do mistério eucarístico. O início da festa, que remonta ao período medieval, é comumente atribuído à diocese de Liège (Bélgica) e adotada pelo Papa Urbano IV na Bula *Transiturus* de 1264 que a estendeu a toda a Igreja (COSTA, 1997: 38). A procissão só ganharia as ruas em 1316 com João XXII, que ratificou a bula de Urbano IV (DANTAS, 1969: 30). Em Portugal, como se sabe, D. João I assumiu o papel de patrono da festa. Nos séculos seguintes a procissão do *Corpus Christi* contou com o apoio das Câmaras e as irmandades do Santíssimo Sacramento gozaram do privilégio de organizar as festividades e de promover o culto público. Os festejos celebravam-se na quinta-feira de Pentecostes e registravam a participação de todos os grupos sociais, com a apresentação de danças e teatros promovidos pelas corporações de ofícios, onde se mesclava o sagrado e o profano (DANTAS, 1969, P.30). Em Braga, Porto e Lisboa, assim como noutras localidades, não faltaram descrições a respeito dessa grande festa⁶. Era o momento maior de manifestação pública dos irmãos do Santíssimo em honra ao Senhor. A festa prolongou-se pelo espaço além-mar, e os colonos portugueses que compunham as elites locais, reunidos na irmandade do Santíssimo, continuaram a investir na grande manifestação pública à hóstia consagrada, no que foram seguidos pelas demais associações e fiéis.

Por outro lado, os compromissos das irmandades dedicavam, em geral, um capítulo à festa e neles especificavam as condições e as obrigações dos irmãos. A Irmandade do Santíssimo Sacramento de Congonhas, por exemplo, explicava que a festa se compunha de missa cantada, sermão e procissão, e que todos os irmãos deveriam assistir com suas opas; se não o fizessem seriam condenados em uma oitava

⁵ Sobre as Irmandades do Santíssimo Sacramento de São João del-Rei e São José del-Rei ver a documentação sita no Arquivo Paroquial de N. Sra do Pilar de São João del-Rei. A do Santíssimo Sacramento de N. Sra do Pilar de Vila Rica, a documentação encontra-se na Casa dos Contos onde pode ser visto o empenho dos irmãos desde os primeiros anos daquela associação.

⁶ Há várias referências sobre as festas em Portugal. Dentre outros, ver MIRANDA, 1942:1-8; DANTAS, 1969:30.

de ouro, salvo por justa causa⁷. Nesta, como nas demais irmandades, a procissão revestia-se de pompa e envolvia toda a comunidade confrarial que se aplicava nos preparativos da grande festa em honra ao Senhor.

O Triunfo Eucarístico em Vila Rica

Conhecida como Triunfo Eucarístico, a grande festa religiosa realizou-se em 1733 na antiga Vila Rica e foi registrada por Simão Ferreira Machado. Ela não deixa de ser mais um exemplo da pompa que cercava o culto ao Santíssimo Sacramento nesse cerimonial de trasladação da custódia da igreja N.^a Sr.^a do Rosário para a igreja de N.^a Sr.^a do Pilar (MACHADO, 1734: 37). O acontecimento deu origem a uma festividade de seis dias, com muitas danças e máscaras, durante a qual se utilizaram vários recursos cênicos típicos da cultura do barroco (Ávila, 1967).

A descrição pormenorizada, da autoria de Simão Machado, ajuda a compreender as formas de demonstração religiosa ocorrida no espaço colonial, as quais atualizavam as representações que tinham lugar em Portugal.

Contá-nos Simão Machado que antes da retirada da Custódia para ser levada em procissão se oficiou uma missa solene, onde dois coros e a música instrumental conferiam solenidade ao evento ocorrido em Vila Rica em 1733. Estendia-se ou mesmo intensificava-se ali o que já era uma preocupação dos irmãos do Santíssimo, os promotores da festa, pois vinte anos antes, em 1713, em data posterior à criação da irmandade do Santíssimo Sacramento de N.^a Sr.^a do Pilar, os irmãos computaram um gasto substancial com o pagamento de músicos; e, além disso, registraram nos anos seguintes o dispêndio para com o ofício musical, conforme assinala a rubrica constante dos livros daquela associação religiosa⁸. Os confrades não estiveram sozinhos no custeio do evento, a Câmara da vila contribuiu para a festa de trasladação, do mesmo modo que ajudava com recursos na promoção das festividades do *Corpus Christi*. Este fato foi recorrente na Metrópole e nas colônias, visto que a festa em honra ao Senhor,

⁷ Arquivo Nacional/Torre do Tombo [AN/TT, Lisboa]. Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo. Comuns. Livro 296, f. 10-25. *Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de N. Sra. Do Pilar das Congonhas do Bispado de Mariana*, cap. 15. (O primeiro compromisso desta irmandade data de 1725).

⁸ Casa dos Contos, Ouro Preto. Microfilme n.º 11. Arquivo Eclesiástico da Paróquia de N.^a Sr.^a do Pilar de Ouro Preto. *Receita e Despesa da Irmandade*. 1712-1745.

como já se assinalou, constava das obrigações da Coroa que participava através das Câmaras.

Nas ruas montavam-se arcos e luminárias por toda a vila, a procissão saía precedida de vários grupos dançantes, com personagens portando adereços e ricamente trajados, os quais desenvolviam atos dramáticos com carros alegóricos ajudando a compor o cenário. O teatro servia de recurso para solenizar o ato de trasladação. A ênfase na vitória da Igreja Católica sobre as demais crenças religiosas projetava-se simbolicamente em todo o cortejo, tais como nos embates travados entre os grupos, na afirmação do valor do culto eucarístico e na pintura de uma custódia em um estandarte de tela branca que levava inscrito os dizeres em letra de ouro *Eucharistia in Translatione victrix* (MACHADO, 1734: 53).

A suntuosidade que transparece da descrição pormenorizada do evento feita por Simão Machado em muito se assemelha aos registros deixados por Joseph Leite da Costa sobre a festa que ocorreu em Braga, em 1728. Esta última festividade, realizada em três dias consecutivos, incluía vários carros alegóricos, onde não faltou a imagem de São Jorge, mais o dragão que era presença constante na festa do *Corpus Christi* no Brasil colonial, sem excluir o cortejo de um «boi bento» ricamente adornado, monstros que, segundo o cronista, representavam a história da criação (COSTA, 1729: 6-45).

Os vários elementos coreográficos congregavam motivos sagrados e profanos que para os irmãos, bem como para as populações das referidas cidades, serviam para homenagear o Senhor. Várias medidas foram tomadas pela Igreja e pelo Estado a fim de controlar a produção festiva e proibir algumas das manifestações religiosas, o que dava prosseguimento às orientações do Concílio de Trento. É nesse sentido que as ordens de D. João V, no século XVIII, proibiam «as danças, charamelas, a serpe, o drago, o carro das horteloas, os gigantes cabeçudos que pulavam adiante do Pálio» (DANTAS, 1969:30). O Estado bem como os representantes da Igreja contrareformista, ainda que procurassem controlar a produção festiva a fim de separar dos rituais religiosos os aspectos sagrados e profanos, não conseguiram eliminar parte da produção coreográfica daqueles cortejos⁹.

⁹ Sobre a tentativa da Igreja em controlar a produção festiva, ver BURKE, *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Conclusão

Como se acaba de expôr, as Irmandades do Santíssimo Sacramento na Metrópole e no Brasil-Colônia atuaram enquanto braço direito da Igreja. Os confrades investiram na edificação de igrejas, na aquisição de alfaias e de símbolos sagrados e, por outro lado, promoveram os principais cultos em honra do Senhor. No decorrer da nossa pesquisa, pudemos perceber que por vezes os conflitos se geravam por causa da administração do sagrado. Contudo, a extrema valorização do culto Eucarístico adquiriu cada vez mais força no tempo da Igreja reformada e as suas solenidades ocorreram em várias circunstâncias.

Inseridas na cultura barroca, as festividades com seus múltiplos efeitos apelavam aos sentidos, às emoções e, como tal, impulsionavam adesões à fé católica. Nesta medida, os irmãos do Santíssimo, junto com os irmãos de outras organizações, empenhavam-na na condução dos eventos e ajudavam a mobilizar as populações das vilas pertencentes a todos os segmentos sociais. Promover a grande festa em honra ao Santíssimo Sacramento, com recursos vários, era, em suma, uma maneira de prestar reverência e uma grande demonstração de fé por parte daqueles confrades. As festas amparavam-se, pois, na encenação de conteúdos religiosos e estavam direcionadas a exaltar os símbolos católicos e a conduzir os fiéis a partilhar de sentimentos de respeito e de submissão frente ao sagrado.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias:

ARISPH, Paulo Jose de Nojosa. *Thesouro Eucarístico. Sermao Doutrinal. Ao Popular da Notavel Vila da Cachoeira nas demonstrações publicas de sentimento, que fez o Convento do Carmo da mesma Villa pelo sacrilego roubo e execrando desacato feito ao reverendo culto do venerado Sacratio da Cathedral da Bahia, no dia de 22 de Fevereiro proximo passado, pregado pelo Reverendo Padre Fr. Jose de Santa Anna*. Lisboa Occidental, na Officina de Manoel Fernandes da Costa. 1731.

COSTA, Pe. Joseph Leite da. *Desempenho Festivo ou Triunfal Apparato com que os Ilustres Bracharenses, pelas ruas da Augusta Braga, tirarão a publico o Eucharistico Manná da Ley da Graça , Epilogo de maravilhas, saboroso sustento de Angelicos Espiritos e Soberano Corpo de Cristo Sacramentado*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram. 1729.

MATTOZO, P^o. Luiz Montez. *Historia do Senhor Roubado de Odivelas. Novo descobrimento do lugar donde foy escondindo; e exaltaçam do padram que em memoria do sacrilegio roubo executado na noite de 10 de Mayo de 1671. Se colocou no mesmo lugar em 5 de Novembro de 1744.* Lisboa. Na oficina de Pedro Ferreira. Impressor da Augustissima Rainha Nossa S. Anno. MDCCXLV.

MONTEIRO, P^o. Manoel. *Historia da Fundação do Real Convento do Lourçal de Religiosas Capuchas, Escravas do Santíssimo Sacramento e Vida da Venerável Maria do Lado.* Lisboa, Na Oficina de Francisco da Silva. Ano de 1710.

Livros, Teses e Artigos.

ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal.* Porto: Editora Portucalense, 1967-71. T^o.3.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *A Confraria do Santíssimo Sacramento do Pico de Regalados (1731-1780).* Vila Verde: Associação do Desenvolvimento Das Terras Altas do Homem. 2001.

ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas.* Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.

BAZARTE MARTÍNEZ, Alicia. *Las Cofradias de Españoles en La Ciudad de Mexico (1526-1860).* Azcapotzalco/ México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1989.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Ana Cristina de Ayala B. M. F.Ferreira da. *O Sacrário do Convento do Bom Sucesso. O Santíssimo Sacramento na Ordem Dominicana Irlandesa em Portugal.* Dissertação de Mestrado. Lisboa. Universidade Lusíada, 1997. 2 v.

COSTA, Avelino Jesus da. «A Santíssima Eucarístia nas Constuições Diocesanas Portuguesas desde 1240 a 1954», *Lusitania Sacra*, 2.^a série, I (1989), pp. 197-243.

DANTAS, Júlio. *Lisboa dos nossos avós*, 2^a ed., Lisboa: Câmara Municipal, 1969.

DUCHET-SUCHAUX, G.; PASTOUREAU, M. *Guía Iconográfica de La Biblia y Los Santos.* Madrid. Alianza Editorial, 2009.

GOMES, Paula Alexandra de Carvalho Sobral. *Oficiais e Confrades em Braga no Tempo de Pombal. (Contributos para o Estudo do Movimento e Organização Confraternal Bracarenses no Século XVIII).* Dissertação de Mestrado em História das Instituições e Cultura Moderna e Contemporânea. Universidade do Minho. Braga, 2002.

EVANGELISTA, Adriana Sampaio. *Pela Salvação da Minha Alma: a rememoração do sofrimento, da morte e da ressurreição nas Ordens Terceiras da Capitania de Minas* Tese de Doutorado em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2010.

GENRO, Manuel Vaz . *O Lausperene em Portugal.* Lisboa: União Gráfica, 1958.

IGLÉSIAS, Fátima. «Corpus Christi». *Vicente.* (Coleção Dirigida Por Osório Mateus). Quimera. Lisboa, 1992, pp. 3-11.

- LEBRUN, François. «As Reformas: devoções comunitárias e piedade individual», in Philippe Áries; Georges Duby (Dir.), *História da vida privada. Do Renascimento ao Século das Luzes*, Porto, Ed. Afrontamento, 1990, pp. 89-98
- MARQUES, João Francisco. « As confrarias do Santíssimo sacramento, a reserva eucarística e os atentados sacrílegos». In:AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000a.
- _____. «As Formas e os Sentidos». In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). *História Religiosa de Portugal*. Humanismos e Reformas, v. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000b.
- _____. «Rituais e Manifestações de culto». In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). *História Religiosa de Portugal*. Humanismos e Reformas. V. 2 , Círculo dos Leitores, 2000c.
- MARTINS, Fausto Sanches. «Trono Eucarístico do Retábulo Barroco Português: Origem, Função, Forma e Simbolismo». In: *I Congresso Internacional do Barroco*. V. 2. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/ Governo Civil do Porto, 1991, pp. 17-58.
- MIRANDA, Abílio. «O Baile das Regateiras nas festas de Corpus Christi». *Separata de Folhetins de O Penafidense*. Penafiel, junho de 1942, pp.1-8.
- MIRANDA, Abílio. «O Baile dos Sapateiros nas Festas de Corpus Christi». *Separata de Folhetins de O Penafidense*. Penafiel. Fevereiro de 1942., pp 1 -8.
- TOLEDO, José Luiz Dutra de. *Simbologia e Luxo no Triunfo Eucarístico. Villa Rica – 1733*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual Paulista Dr. Júlio de Mesquita Filho. Campus de Franca – São Paulo, 1990.
- VASCONCÉLLOZ, António Garcia Ribeiro de. *Compendio de Liturgia Romana*, 2ª ed., vol I, Coimbra, Moura-Marques ed., 1898.
- VENTURI, Pietro Tacchi. *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*, vol. I, parte prima, 2ª ed., Roma, edizioni « La Civiltà Catholica», 1950, pp. 223-224
- LEVAVASSEUR, Léon. *Manuel de Liturgie et Cérémonial selon le Rit Romain: ouvrages adopté par un grand nombre d'Evêques pour l' usage de leurs diocèses*, Paris: Libr. Lecoffre, 1935.
- SMITH, Robert C., *A talha em Portugal*, Lisboa: Livros Horizonte, 1962
- STIERLIN, Henry y Anne. *El Arte Barroco En España y Portugal*. Barcelona. M. Moleiro Editor S. A. , 1994.